

SUBJETIVIDADE: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA FAMÍLIA  
SUBJECTIVITY: SOCIAL REPRESENTATION OF THE FAMILY  
SUBJETIVIDAD: REPRESENTACIÓN SOCIAL DE LA FAMILIA

Lourdete Rejane Ferro Zago<sup>1</sup>

RESUMO

A família, primeiro grupo familiar do ser humano, consiste na dimensão coletiva da existência humana e torna-se responsável pela formação da primeira identidade social, como o também da constituição da subjetividade. A subjetividade é o mundo interno de todo e qualquer ser humano. Este mundo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos. É através deste mundo interno que o indivíduo se relaciona com o mundo social, nomeado por mundo externo. Desta relação resulta as características individuais que marcam o indivíduo como singular, originadas na formação do indivíduo, quando são construídos o conhecimento e as crenças. representação social como a forma de conhecimento, elaborada socialmente, partilhada, com um objetivo prático, contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Assim é construída a representação social da família.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Representações Sociais.

ABSTRACT

The family, first family group of human beings, is the collective dimension of human existence and becomes responsible for the formation of the first social identity, as well as the constitution of subjectivity. Subjectivity is the inner world of each and every human being. This inner world is made up of emotions, feelings and thoughts. It is through this inner world that the individual relates to the social world, appointed by the outside world. This relationship follows the individual characteristics that mark the individual as unique, originated in shaping the individual, when they built the knowledge and beliefs. social representation as a form of knowledge, socially elaborated, shared with a practical purpose, contributing to the construction of a common reality to a social group. Is thus built up the social representation of the family.

---

<sup>1</sup> Licenciatura Plena em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira e Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Diretora da Faculdade Santa Clara. E-mail: [zagovitoria2@gmail.com](mailto:zagovitoria2@gmail.com)

**Keywords:** Subjectivity.;Social Representations

## INTRODUÇÃO

A família está presente desde o início da vida e é delimitada por diversos aspectos psicológicos, componentes emocionais que a estruturam concedendo forma e identidade a seus membros de acordo com Chaves, Botelho Andari, Santos, Maranhão et alli (1993). Para estes autores a família consiste na dimensão coletiva da existência humana e torna-se responsável pela formação da primeira identidade social, assim como o *focus* privilegiado da constituição da subjetividade. A construção dessa subjetividade desenvolve-se em uma dimensão social a qual, em um primeiro momento, é a família, remetendo à idéia de uma construção dentro de um contexto, somente podendo ser compreendida analisando-se as práticas histórico-culturais características deste contexto, como bem descreve Leontiev (1978). E certo, então, que a família é um dos espaços de mediação entre os indivíduos e a sociedade, no qual o ser humano aprende a perceber o mundo e a se situar nele.

As famílias representam um sistema dinâmico e por isso, em constante transformação. Ao abordá-la, enquanto alvo da atenção de saúde, os profissionais devem considerar esse movimento e a diversidade de modelos que se apresentam, já que cada um pode estar caracterizado por situações e necessidades bastante peculiares.

Jacques Lacan (2008) analisa a família como um grupo cultural e não natural, surgindo primeiramente como uma estruturação psíquica, onde cada membro desenvolve e representa seu papel funcional – pai, mãe e filho – sem haver, necessariamente, laços sanguíneos entre eles. É exatamente esta estruturação psíquica que permite o êxito do instituto da adoção. A família é a responsável pela transmissão da primeira educação, repressão dos instintos, aquisição da língua, desenvolvimento psíquico e comportamental.

Entende-se por subjetividade o espaço interno do indivíduo, também denominado pela psicologia como mundo interno. É através deste mundo interno que o indivíduo se relaciona com o mundo social, nomeado por mundo externo. Desta relação resulta as características individuais que marcam o indivíduo como singular, originadas na formação do indivíduo, quando são construídos o conhecimento e as crenças,

constituindo a experiência histórica individual e pertencendo ao coletivo da sociedade em que vive.

A subjetividade é o mundo interno de todo e qualquer ser humano. Este mundo interno é composto por emoções, sentimentos e pensamentos.

Através da subjetividade se constroi o espaço relacional, ou seja, favorece a relação com o "outro". Este relacionamento insere o indivíduo dentro de esferas de representação social em que cada sujeito ocupa seu papel de agente dentro da sociedade. Estes sujeitos desempenham papéis diferentes de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram, o que segundo Goffman (1978) pode ser interpretado como ações de atores sociais. Somente a subjetividade contempla, coordena e conhece estas diversas facetas que compõem o indivíduo

A subjetividade não é inata em virtude de fazer parte do universo interno, e ser o resultado do desenvolvimento pessoal no decorrer da história individual, através da soma de aprendizados o que inclui: pensamentos, emoções conscientes e inconscientes e sentimentos; bem como as mudanças internas ocorridas a partir da interação com o outro o que leva cada pessoa a agir e a repensar a maneira de enxergar o mundo, as atitudes diante de determinados fatos ou diante da própria vida, fatos estes que contribuem para a formação e consolidação da identidade de cada um.

O conceito de representação social refere a uma imitação mental. É através da representação que somos capazes de evocar uma pessoa, uma ideia, um objecto ou uma situação na sua ausência.

O conceito de representação desenvolvido por Moscovici, que fundamentou teorias da representação social no início da década de 60. Em que publicou, em 1961, *A psicanálise, a sua imagem e o seu público*, que analisa a forma como esta teoria se adequa ao público em geral.

De acordo com Moscovici (1988), as representações sociais são teorias do senso comum, através das quais realidades sociais são interpretadas e construídas. São estruturas de conhecimento cognitivas, afetivas e avaliativas, oriundas da relação de reciprocidade entre o indivíduo e a sociedade, que facilitam e orientam o processo da informação social.

As representações sociais são indispensáveis nas relações sociais em que faz parte um processo de interação social, permitindo aos membros de um grupo comunicarem e compreenderem-se.

Neste estudo pretende-se relacionar a subjetividade, a família e a representação social da família.

## SUBJETIVIDADE: O MUNDO INTERNO INDIVIDUAL

### **Conceito de Subjetividade**

Gonzalez Rey (2003), define a subjetividade

como a organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis do sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua (2003, p.108).

Para Martinez (2005), a subjetividade pode ser vista ao mesmo tempo como significados e sentidos, os quais são caracterizadores dos diferentes espaços sociais que os indivíduos constituem. Ela acrescenta a subjetividade contribui no sentido de romper com as dicotomias individual/social, interno/externo, intra-subjetivo/intersubjetivo, articulando dialeticamente ambos os pólos, e expressando seu caráter complementar, contraditório e recursivo.

Ao considerar a construção subjetiva do ser humano, Domenech, Tirado e Gómez (1986) referem ser a construção de um "eu". Eles dizem que cada ser humano é um eu no significado mais individual da palavra, mas não um eu cartesiano, (um eu pronto, um eu que produz uma verdade a cerca das coisas, um eu que reduz toda essa potencialidade humana num essencialismo, numa única verdade). Antes consiste em um eu que se transforma, que interage com o meio onde não é um eu do egocentrismo, mais um ser, um interior, pessoal e formado pelo social, conforme estes autores. Eles ainda acrescentam que o indivíduo é um eu que não constrói uma verdade absoluta, mas um eu que está em constante mudança desta verdade. Ao fugir forma voluntariamente do aspecto cartesiano a construção deste "eu", esses autores referem que dá-se o nome de "si", pois é o próprio ser humanos que está em constante modificação. Se auto construindo.

Ao considerar a Teoria Sócio Histórica de Vygotsky (1991; 1993; 1995;1997) vê-se que os fenômenos psicológicos não como fatos imediatos, mas sim mediados nas e pelas relações sociais sendo assim construída a consciência. Portanto, subjetividade se constitui na relação com o mundo material e social, o qual só existe através da mediação da atividade humana. O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social e nessa relação desenvolvem-se as possibilidades humanas. A psicologia sócio-histórica analisa as experiências humanas e as idéias produzidas a partir dessas experiências, o que constitui a base material da sociedade. Assim sob essa perspectiva, a subjetividade seria construída juntamente com as transformações históricas, sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, científicas que transpassam o nosso cotidiano. A objetividade e a subjetividade constituem uma unidade de contrários em movimento. O sujeito da concepção sócio-histórica, na interação com o outro, vivencia, experimenta, age, significa e, assim, tem uma subjetividade.

Gonzalez Rey (2003), refere que a subjetividade não é algo que aparece somente no nível individual, mas que a própria cultura representa um sistema subjetivo, gerador de subjetividade, como ele mesmo denomina de “subjetividade social”. Para ele o sujeito é constituído pela subjetividade social e é constituinte daquela por meio das suas ações no tecido social. Como também esclarece que a subjetividade social antecede a organização do sujeito psicológico concreto e está na gênese de toda subjetividade individual. Por seu turno, o desenvolvimento do sujeito individual dá lugar a novos processos de subjetividade social e a novas redes de relações sociais.

Nesta perspectiva Gonçalves (2001) ao refletir sobre a teoria vigotiskiana argumenta que concebe-se a subjetividade constituída na intersubjetividade, ou seja, a partir do significado. Significado esse, que é social e objetivo, é o é apropriado pelo sujeito a partir de sua atividade, o que implica uma subjetividade própria de cada sujeito, o que se expressa na atribuição de sentidos pessoais. Os sentidos consistem em uma síntese entre a objetividade e a subjetividade, porque unem a atividade do sujeito sobre o objeto, o significado social produzido intersubjetivamente e que representa a atividade sobre o objeto e a subjetividade na sua dimensão emocional – a subjetiva e a dimensão ativa – a subjetiva.

Tal fato acontece porque o simples fato de ser humano, conduz a uma natureza de transformações contínuas, conforme bem coloca Domenech, Tirado e Gómez (1986).

Para eles o homem é um ser inacabado, propenso a infinitas transformações que se dão ao longo de sua existência e estas transformações variam de indivíduo para indivíduo, e é isso que os diferencia.

Estes autores concluem diante disto que nunca haverá indivíduos iguais por que existem diferenciações nas transformações e adaptações de acordo com a história de vida pessoal. Assim, na opinião deles, seres humanos são seres subjetivos ou seja, indivíduos únicos, (individuais, pessoais, particulares).

Além disso, estes autores acrescentam, o ser humano é um ser crítico, investigador e cientista por natureza e por isto está sempre formando idéias novas, está sempre criando novos pensamentos e assim descobrindo novos mundos. Seus pensamentos são construídos nas ações do dia a dia, ou seja formam subjetividades pois as constroem em sua prática.

Por isto, vários autores (Gonçalves, 2001; Gonzalez Rey, 2003; Domenech, Tirado e Gómez, 1986; Furtado, 2001) afirmam o porque do ser humano ser subjetivo, ou seja, o mesmo não é formado a partir de uma transferência ou um simples eu, ele se forma como ser num processo que está em constante mudança; que está sempre construindo suas idéias; na formação de um si. A sociedade é subjetiva, pois está sempre mudando. Este processo de construção da subjetividade humana se dá nas questões externas.

O que se pode inferir destes autores (Gonçalves, 2001; Rey, 2003; Domenech, Tirado e Gómez, 1986; Furtado, 2001) o eu subjetivo ou seja o si não se limita apenas a questão de um eu penso logo existo, ele vai além, vem a questionar os processos da formação desta existência, vem a formar um pensamento crítico sobre as questões do seu si. Não se prende a algo que está pronto pois não são seres acabados e não podem determinar aonde chegar na sua existência.

Neste sentido Rey(2001) argumenta:

A subjetividade representa um macroconceito orientado à compreensão da psique como sistema complexo, que de forma simultânea se apresenta como processo e como organização. O macroconceito representa realidades que aparecem de múltiplas formas, que em suas próprias dinâmicas modificam sua autorganização, o que conduz de forma permanente a uma tensão entre os processos gerados pelo sistema e suas formas de autorganização, as quais estão comprometidas de forma permanente com todos os processos do sistema. A subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-

cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos permanentes de significação e sentidos. O tema da subjetividade nos conduz a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual.

## CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Nos últimos anos, o conceito de representação social tem aparecido com grande frequência em trabalhos de diversas áreas, o que leva muitas vezes à indagação sobre o que será, afinal, algo de que tanto se fala.

Com efeito, este conceito atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área em particular. Ele tem fundas raízes na sociologia, e uma presença marcante na antropologia e na história das mentalidades, conforme Arruda(2002).

Esta autora comenta ainda que a psicologia social aborda as representações sociais no âmbito do seu campo, do seu objeto de estudo – a relação indivíduo-sociedade – e de um interesse pela cognição, embora não situado no paradigma clássico da psicologia: ela reflete sobre como os indivíduos, os grupos, os sujeitos sociais, constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc., por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Em suma, ela conclui, como interação sujeitos e sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria – que, sem dúvida, passa pela comunicação.

Alguns autores (Oliveira, 2004; Arruda, 2002, Santos,2010; Oliveira, 2012) em diversos estudos refletem que a Teoria das Representações Sociais . TRS operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade.

Eles dizem que parte da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, pregnantes nas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se

constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais freqüentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.

Como dito anteriormente, a Teoria das Representações Sociais teve seu início com os estudos de Moscovici (1978) com proposta de trabalhar com o pensamento social de maneira dinâmica e em sua diversidade, a fim de entender como os indivíduos constroem-se a partir da inserção social e como tornam-se agentes da constituição de sua própria realidade. As pessoas criam representações individuais, que podem ratificar ou não as representações socialmente constituídas.

Estudos realizados por vários pesquisadores como Guareschi (2008), Jodelet (2005), Sá (1993), Spink (2008), Reigota (2004) assim como outros, apontam justamente para a grande heterogeneidade de formulações quando se tenta conceituar representações sociais.

Arruda (2002) refere que as representações sociais constituem uma espécie de fotossíntese cognitiva: metabolizam a luz transformando-a em novidades que iluminam (ou ofuscam) incorporando ao pensar/perceber o mundo, que é devolvido pelo indivíduo ao mundo como entendimento mas também como juízos, definições, classificações. Esta autora explica que como na planta, esta energia colore, singulariza. Como na planta, ela significa intensas trocas e mecanismos complexos que, constituindo eles mesmos um ciclo contribui para o ciclo da renovação da vida.

A Teoria das representações sociais, tal como foi desenvolvida por Serge Moscovici, está ligada à Psicologia Social. Segundo Morigi (2004), Moscovici atualizou o conceito sobre as representações coletivas elaborado em 1898 por Émile Durkheim. Dessa forma, o conceito tem origem nas Ciências Sociais, particularmente na Sociologia.

Na Psicologia Social, o conceito de representações sociais adquiriu uma importância muito grande. Este conceito alude às formas de familiarização com setores do mundo estranhos a nós, constituindo-se de “uma série de proposições que possibilita



que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante” (MOSCOVICI, 2003: 209).

Para Jodelet (2001) Moscovici renovou a análise, insistindo sobre a especificidade dos fenômenos representativos contemporâneos. Com isso, foi possível uma primeira caracterização da representação social.

A autora define representação social como a forma de conhecimento, elaborada socialmente, partilhada, com um objetivo prático, contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. De acordo com esta autora, as representações sociais estão sempre em ação na vida social, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Assim, elas devem ser estudadas integrando a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir.

Para Moscovici (2001), o indivíduo sofre pressão das representações dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos. Essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nascem e são moldados.

Esse autor diz que as representações sociais expressam como as pessoas sentem, interpretam, e percebem o mundo e permitem entender as marcas que caracterizam cada época histórica de uma determinada sociedade, bem como, as perspectivas de novos encaminhamentos e formas de visão sobre os fenômenos sócio-políticos que possam acarretar mudanças qualitativas no processo social. Desta forma, estudar as Representações Sociais de um determinado segmento social significa verificar quais são os referentes sociais que esse grupo assume diante de aspectos destacados dentro da prática da sociedade. (MOSCOVICI, 1978).

## FAMÍLIA. CONSIDERAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Na determinação histórico-estrutural observa-se a existência de uma variedade de modelos de família – de acordo com o tipo de formação socioeconômica ou modos de produção – que institui modelos hegemônicos, como a familiar nuclear, na sociedade burguesa, que inclusive difunde-se para outras classes sociais, mas comporta também uma variedade de padrões internos que diferenciam as famílias entre as classes, e mesmo com variações no interior de cada classe.

Ariès (1981) apresenta em seus estudos sobre a família, uma descrição do surgimento da família nuclear burguesa na Europa, denominada de família moderna, composta basicamente pelo triângulo pai, mãe e filhos, pela independência em relação à parentela e por uma complexa combinação de autoridade e amor romântico, lugar de atenção à infância e de afetividade, da intimidade.

Para Ariès (1981) são as relações entre homem e mulher, entre pais e filhos que fazem viver o espírito de família. Como explicita, na realidade, esse respeito pela igualdade entre os filhos de uma família é uma prova de um movimento gradual da família-casa em direção à família sentimental moderna a realidade familiar passou a basear-se na afeição modificando suas relações internas com as crianças e entre o casal.

Parsons (1980) destaca que as famílias são necessárias em primeira instância porque a personalidade humana não nasce e sim desenvolve-se mediante o processo de socialização. Esse autor conclui que “as famílias são fábricas” produtoras de personalidades.

Outra característica citada pelo autor é o “isolamento da família nuclear”, sua autonomia e independência em relação à parentela, formando núcleos próprios. O que para o autor não significa ruptura em relação à parentela, as relações entre e com os parentes permanecem, mas de forma restrita e em domicílios separados, até geograficamente.

Para ele essa tem sido a família adaptada ao movimento das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do capitalismo, do processo de modernização, a família padrão, idealizada como modelo único, harmônica e homogeneizada, pois mesmo considerando as relações assimétricas entre os sexos e gerações, as tratam como complementares e fundamentais ao equilíbrio familiar.

A organização da estrutura familiar sofre pressões de fatores sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais que agem historicamente determinando a impossibilidade de conceituação simples e inquestionável. Osório (1996) argumenta que as famílias podem ser classificadas em nuclear (composta por pai-mãe-filhos), extensa (composta por outros membros com laços de parentesco consanguíneos) e abrangente (que inclui os não parentes que coabitam). Importantes estudos envolvem a Teoria das Representações Sociais e a instituição familiar esclarecendo, problematizando e questionando as principais representações construídas. Como por exemplo, o estudo de

Vieira (2004), que aborda mulheres vítimas da violência intrafamiliar e suas implicações nos cuidados de enfermagem hospitalar. Gomes & Pereira (2005), sobre a família em situação de vulnerabilidade social, apontam a vulnerabilidade da família pobre desassistida, impossibilitada de prover as necessidades básicas de seus membros e sem forças para construção de alternativa para o fortalecimento da família. Alves & Diniz (2005), analisam a violência conjugal a partir das representações masculinas. Os estudos psicodinâmicos sobre família devem considerar não só a família nuclear, mas o parentesco ampliado em duas ou três gerações ascendentes. Tal inclusão se justifica pelas peculiaridades das situações vividas e, principalmente, revividas em espelho entre os filhos e os pais (Ballone & Ortoloni, 2005). Segundo os mesmos autores, a tradicional estrutura familiar tem sido substituída constantemente, exigindo de todos os membros da família uma adaptação aos novos papéis e à nova estrutura.

Para Teixeira (2009) o modelo idealizado, da família-padrão e suas formulações teóricas funcionalistas, escamoteiam as contradições que perpassam as famílias, os conflitos, os interesses divergentes, modelos hierárquicos, relações de poder e forças no seu interior, e suas funções de reprodutora da ordem social e da força de trabalho, ao lado dos processos de negociação, cooperação e solidariedade. Além da variedade de modelos de família entre as classes, e no interior das classes. Ela explica que os estudos contemporâneos têm apontado uma variedade de experiências familiares ao longo da história e na contemporaneidade, modos de organizações plurais, assim como diferentes modos de atribuir significados aos agrupamentos familiares. Como as famílias monoparentais, reconstituídas, de homossexuais, de pessoas sozinhas, os “ninhos vazios” de idosos, dentre outros, mais visíveis na atualidade, dado seu crescimento estatístico.

As representações sociais sobre família são bastante heterogêneas e reflete a diversidade de concepções de família decorrentes de novos formatos das famílias contemporâneas, como menciona Teixeira (2009). Para esta autora não predomina uma visão hegemônica de família, mas uma avaliação da importância destas na vida dos indivíduos independentemente do formato e de uma concepção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é um dos aspectos formadores da subjetividade humana. A subjetividade, por sua vez mediatiza como a forma de conhecimento, elaborada socialmente – a representação social que se tem da família.

Vários estudos que relacionam representação social e família (Alves e Diniz, 1998; Gomes e Pereira, 2005, Vieira 2004) apontam que a organização da estrutura familiar sofre pressões de fatores sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais que agem historicamente determinando a impossibilidade de conceituação simples e inquestionável.

Sendo assim, as representações sociais sobre família são bastante heterogêneas e reflete a diversidade de concepções de família decorrentes de novos formatos das famílias contemporâneas, como famílias monoparentais, reconstituídas, de homossexuais, de pessoas sozinhas, os “ninhos vazios” de idosos.

## REFERÊNCIAS

1. ABRIC, J.C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, DC. de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora, 1998. p.27-38.
2. ALVES, S.L. B & DINIZ, N.M.F – Eu digo não, ela diz sim: a violência conjugal no discurso masculino. In: [http:// bases.bireme.br](http://bases.bireme.br), revista brasileira de enfermagem ,acesso em 2012
3. ARIÈS, P. (1981) *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC.
4. ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, npo. 1ve2m7-b1r4o7/,2 n0o0v2embro/ 2002
5. CHAVES, A.M.; BOTELHO, A.C.; ANDARI, E.; SANTOS, M.; MARANHÃO, W. Representação social de família entre jovens estudantes de escolas públicas particulares. **Estudos de Psicologia**, 10(2):9-20, 1993.
6. CRISTIANE MADANÊLO DE OLIVEIRA. "INFÂNCIA E VELHICE ATADAS

- PELA LITERATURA INFANTIL" Disponível na internet via **WWW URL:**  
<http://graudez.com.br/litinf/trabalhos/ufrj1.htm> acesso em 25/06/2012
7. DOMENECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lucía, **Nunca fomos humanos. Nos rastros do sujeito/A dobra: psicologia e subjetivação** Editora: Autêntica, 2001.
  8. GOMES, M.A & PEREIRA,M.L.D- Família em situação de vulnerabilidade social:uma questão de políticas públicas. In: [http:// bases.bireme.br](http://bases.bireme.br), **ciência em saúde coletiva**, revisto em 2005.
  9. GONÇALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. Marchina; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 53-73.
  10. GONZALEZ Rey, F. L. (2001). A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. *Psicologia da Educação, 13*, 9-15
  11. GONZALEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
  12. GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S.(orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.
  13. JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
  14. LACAN, Jacques (1985) **Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo**. Rio de Janeiro: Zahar
  15. LEONTIEV, A.N. **Actividad, consciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.
  16. MOSCOVICI, S. Notes towards a description of social representations. **European Journal of Social Psychology**, 18:211-250, 1988.
  17. \_\_\_\_\_, Serge. "Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história".In: JODELET, Denise. (org.).**As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
  18. \_\_\_\_\_, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes,2003.

19. OLIVEIRA, Márcio. S.B.S Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici **Rev. bras. Ci. Soc.** v.19 n.55 São Paulo jun. 2004
20. OSÓRIO, L.C. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
21. PARSONS, T. (1980) La familia em la sociedad urbana-industrial de los Estados Unidos. In: ANDERSON, M. (org.) *Sociologia de la familia*. México: Fondo de cultura econômica.
22. REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 2004.
23. SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
24. SANTOS, LEONARDO A. *As representações sociais do professor de Educação Física sobre a inclusão de deficientes nas aulas da rede regular de ensino*. Londrina, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de Londrina
25. SPINK, M. J. O estudo empírico das representações sociais. In: \_\_\_\_\_. **Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993
26. TEIXEIRA, Solange Maria Representações Sociais de família e os arranjos familiares de idosos do Programa Terceira Idade em Ação da UFPI .Trabalho apresentado no III Congresso Ibero Americano de Psicogerontologia, 2009. Disponível em: [http://www.geracoes.org.br/arquivos\\_dados/foto\\_alta/arquivo](http://www.geracoes.org.br/arquivos_dados/foto_alta/arquivo). Acesso em maio de 2012
27. VIEIRA, A.A.B – Representações sociais de mulheres vitimizadas pela violência intrafamiliar:contribuições para o cuidado de enfermagem no cenário hospitalar de emergência. In: [http:// bases.bireme.br](http://bases.bireme.br), revisto em 2004.

Sources of funding: No  
Conflict of interest: No  
Date of first submission: 2013-05-27  
Last received: 2013-08-30  
Accepted: 2013-09-11  
Publishing: 2013-09-30